

O Tempo Devido

Do lado de fora, nos dias de vento, chegava o cheiro do rio. Do lado de dentro, papelão úmido e luz que nunca decidia se era dia ou não. Marcos chegou ao armazém aos vinte e três anos com uma carteira nova na mão e a sensação de que trabalho era isso: chegar cedo, fazer o que mandam, ir embora. Não havia filosofia nisso. Caixas, prateleiras, um corpo que aprendia rápido porque precisava aprender. O galpão era grande o suficiente para que vidas inteiras coubessem dentro sem que ninguém percebesse.

Na parede, entre o bebedouro e o quadro de avisos, um relógio. Adiantava seis minutos. Só na entrada, só para que cada chegada fosse registrada um pouco depois do que de fato ocorrera. O registro da saída, impecável. A precisão de quem sabe quando o outro deixa de ser lucrativo. E uma consequência que se acumulava em silêncio, dia após dia, como sedimento que o rio deposita sem pressa e sem aviso.

Seu Roberto anotava tudo num caderno de capa preta. Não por desconfiança. Por hábito antigo de quem aprendeu que memória falha e papel não. Entrada. Saída. Todo dia. A mesma mão vagarosa, a caneta azul comprada na mesma papelaria da esquina. O zelo de quem trata pequenas coisas como se grandes fossem. Porque sabia, por experiência, que às vezes são.

Quando Marcos chegou até ele com o contracheque na mão e aquela expressão de quem está tentando resolver uma conta que não fecha, Seu Roberto ouviu, olhou para os números e foi até o armário onde guardava os cadernos. Uma pilha deles, todos de capa preta, com o ano escrito à caneta na lombada. Trouxe os últimos três anos de uma só vez.

- Você chegava às oito.

O processo durou dois anos. Marcos aprendeu palavras novas. Protocolo. Instrução. Perícia. Com a aplicação de quem estuda uma língua estrangeira por necessidade. Entre o travesseiro e o sono, naquela hora em que a cabeça ainda segura um pensamento, acompanhava as atualizações pelo celular, sempre pesquisando o que não entendia.

Pelo caminho, descobriu que havia perdido mais do que sabia. Que alguém precisou olhar para aquela vida com outros olhos para dar nome ao que Marcos carregava sem saber.

A sentença chegou numa terça-feira sem nenhuma característica especial. O céu fechado desde cedo. Ônibus atrasado, café requentado. Os cálculos vieram depois. O valor era maior do que esperava. Camadas sobre camadas de tempo não pago, de direitos que existiam antes mesmo de ele saber que existiam, calculados por alguém com paciência suficiente para transformar anos de silêncio em número. Naquela noite, foi até Seu Roberto. O velho estava na varanda, caderno no colo. Marcos ficou um momento sem falar.

- Ganhei.

Seu Roberto não levantou os olhos imediatamente. Terminou a linha que estava escrevendo. Depois olhou. Naquele olhar, não surpresa. Reconhecimento. De quem sabia, desde sempre, que o tempo não some. Que fica, em algum lugar, esperando ser encontrado.

- Eu sei. Eu contei.

Mais tarde, já em casa, Marcos ficou um longo tempo olhando para o alvará. Não sabia ainda o que fazer com aquele dinheiro. Sabia apenas que tinha peso suficiente para mudar alguma coisa. O que, exatamente, ainda não tinha nome.

Anos depois, numa tarde comum, o último cliente do dia saiu do escritório com os papéis sob o braço e aquela expressão de quem acaba de entender que tinha direitos e não sabia. Marcos conhecia aquela expressão.

Ficou sozinho na sala por um momento. Na parede, o diploma. Moldura simples, fonte formal, a data que custou o que custou. Ao lado, um relógio que nunca atrasou nem adiantou um minuto desde que Marcos o pendurou. No verso do diploma, dobrado em quatro, o comprovante de depósito judicial de setembro de 2017.

Gabriel da Silva Lengruber

Analista Judiciário